

# Relatório de Avaliação na Educação Infantil: um estudo sobre a linguagem argumentativa.

Cristina Aparecida Colasanto

## Resumo

*Este trabalho é um recorte da pesquisa desenvolvida para Mestrado, em que se procura analisar a linguagem argumentativa do relatório de avaliação, como forma de explicitar o processo de ensino-aprendizagem. A fundamentação teórica dessa análise tem como base o conceito bakhtiniano de linguagem (Bakhtin/ Volochinov, 1929), o conceito de avaliação mediadora segundo a perspectiva sócio-histórica-cultural (Vygotsky, 1930, 1934) e o conceito de linguagem argumentativa (Carraher 1983, Koch 1984, Bronckart 1997, Liberali 2000). Por se tratar de uma pesquisa-ação, os relatórios de avaliação foram coletados em São Paulo, em uma escola municipal de Educação Infantil. Nos resultados dessa análise verificou-se o quanto a linguagem argumentativa favoreceu a reflexão do professor sobre sua prática, seu reconhecimento do processo de ensino-aprendizagem e a comunicação com os pais sobre o desenvolvimento escolar dos filhos.*

**Palavras-chave:** processo de ensino-aprendizagem, relatório de avaliação, linguagem argumentativa.

## Assesment Report in the Infantile Education: a study on the argumentative language

### Abstract

*This report is an abstract of a research developed in a Master Degree, in order to analyses the argumentative language in the assesment report as a way to explain the teach-learning process. The theory of this work is based on bakhtin's language conception (Bakhtin/ Volochinov, 1929), the mediator assessment conception according to Vygotsky (1930, 1934) and argumentative language conception (Carraher 1983, Koch 1984, Bronckart 1997, Liberali 2000). As it is an action research, the assesment reports were colected at São Paulo, in a Kindergarten Public School. The results showed how argumentative language helps teacher to think about its action, its teach-learning process out its comunication with parents about kids development.*

**Key words:** teaching-learning process, assessment report, argumentative language

### Introdução

O objetivo deste trabalho é discutir a contribuição da linguagem argumentativa para compreensão e avaliação do processo de ensino-aprendizagem. Para isso, será analisada a seqüência argumentativa de um relatório

de avaliação produzido pela professora-pesquisadora. Para Bronckart (1997) as seqüências proporcionam uma organização linear do texto, sendo concebidas pela combinação e articulação de diferentes tipos de seqüências. Elas se dividem em narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, dialogal, descritiva de ação.

Como professora de Educação Infantil na rede municipal, enfrento dificuldades na realização de relatórios que visam contribuir ou acompanhar processo de ensino-aprendizagem, sem cair na armadilha da classificação e do juízo de valor. Esse enfrentamento diário impulsionou-me a desenvolver um conjunto de relatório de avaliação, como parte da pesquisa de Mestrado e utilizado na avaliação dos alunos no 2º semestre de 2005, com autorização da direção escolar, da coordenação pedagógica e dos responsáveis pelos alunos.

Na Educação Infantil, a avaliação é discutida por autores brasileiros e estrangeiros como Oliveira (2002), Diego (2003) e Hoffmann (2004), que tratam a questão por linhas teóricas diferentes, também é um assunto recorrente nos documentos oficiais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (L.D.B.) nº 9394/96, Seção II, no artigo 31 que assegura o seguinte: “Na Educação Infantil a avaliação far-se-á mediante o acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao Ensino Fundamental”.

Um documento distribuído nas escolas, o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil - R.C.N - (1998) é fundamentado com base na avaliação contínua do desenvolvimento da criança. Ela é tratada como conjunto de ações que auxilia o professor a refletir sobre sua prática e sobre a aprendizagem do aluno, cuja função é acompanhar, orientar e redirecionar esse processo como um todo.

Tanto na L.D.B como nos R.C.Ns, o destaque é para a avaliação contínua, visando o acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem, idéia defendida por estudiosos do assunto como Luckesi (1994), Perrenoud (1996), Esteban (2003). No entanto, esses documentos oficiais apresentam conceitos amplos sobre a avaliação, permitindo uma variedade de procedimentos avaliativos nas escolas como registros descritivos de aspectos comportamentais da criança, classificação sobre o que a criança sabe ou não fazer, julgamento de valor (aluno briguento, obediente, caprichoso etc.). Todos esses esforços importantes para a avaliação da Educação Infantil ainda não foram esgotados. Faltam discussões e pesquisas em torno da organização das ações e dos re-

gistros escritos sobre a avaliação infantil.

Para compreender a relevância no relatório de avaliação, é fundamental esclarecer os pressupostos teóricos sobre o conceito de linguagem (Bakhtin/Volochinov, 1929); o relatório como instrumento de mediação entre professor e aluno pela perspectiva sócio-histórica-cultural (Vygotsky 1930, 1934) e a linguagem argumentativa (Carraher 1983, Koch 1984, Bronckart 1997, Liberali 2000).

### **Discussão teórica**

A questão da linguagem nos relatórios de avaliação torna-se fundamental, uma vez que ela é o ponto de partida das relações humanas e sociais, e é por ela que o indivíduo se constrói, reproduz modelos socialmente já pré - estabelecidos e também os transforma. (Bakhtin/Volochinov, 1929). Desse modo, a linguagem ocupa um papel fundamental tanto na construção desse relatório, como na negociação discursiva de como este deve ser elaborado; a quem se destina (aos pais dos alunos, professor da série seguinte).

Na teoria bakhtiniana de dialogismo, as noções de enunciado/enunciação marcam o campo discursivo a ser estudado. Para o filósofo da linguagem, a concepção de enunciado/enunciação é tecida pela dimensão discursiva, constituída historicamente e socialmente entre os sujeitos, liga-se a enunciações anteriores e posteriores que circulam o discurso (Brait, Melo, 2005). Os seres humanos constituem-se uns aos outros em relações dialógicas, inseridas em um contexto social, estando, assim, os estudos bakhtinianos embasados na visão dialógica por uma perspectiva semiótica e social.

No relatório de avaliação, a linguagem argumentativa se organiza pelos seus aspectos dialógicos, pois ao escrever um relatório, recuperam-se diferentes vozes que compõem o discurso escolar para dar um sentido argumentativo aos dados apresentados.

O relatório se caracteriza pela multiplicidade de vozes sociais, culturais e ideológicas representadas, que ecoam na produção do instrumento relatório e nas concepções de ensino-aprendizagem, materializadas nesse instrumento pela linguagem.

Em relação à produção do relatório de avaliação, Bronckart (1997) discute que o ser humano ao interagir no mundo, avalia o outro, constantemente e, igualmente, é avaliado. Essa ação revê inclusive o modo de agir do indivíduo com base nas avaliações do outro. Pautado nos estudos teóricos de

Vygotsky (1930, 1934) e Bakhtin (1929), o pesquisador da Universidade de Genebra Jean-Paul Bronckart (1997) analisa, dentre outras questões, o efeito dessa atividade e dessa linguagem apresentada empiricamente nos textos, centrando-se, também, nas condutas históricas e sociais de suas produções textuais.

A seguir discutirei sobre avaliação, concepção de ensino-aprendizagem e a linguagem argumentativa que também embasam esse trabalho.

### **A avaliação mediadora na concepção sócio-histórico-cultural de ensino-aprendizagem e a linguagem argumentativa**

Segundo Fidalgo (2002), a perspectiva de avaliação mediadora fundamenta-se na concepção de ensino-aprendizagem Sócio-Histórico-Cultural, tendo como precursor dessa teoria o psicólogo russo Vygotsky (1930, 1934). Para ele, a aprendizagem é propiciadora do desenvolvimento humano, assim ela ocorre na criança desde seu nascimento, nas interações com outros sujeitos da sociedade. Essa interação é mediada principalmente pela linguagem e o aprendizado movimenta vários processos internos de desenvolvimento na criança, que sem ajuda externa, seriam impossíveis de acontecer.

Sob essa perspectiva, a escola desempenha um papel significativo para o aprendizado e desenvolvimento da criança, por ser um local em que ela está interagindo com outros sujeitos, construindo e trocando conhecimentos. O aprendizado ocorre também fora da escola, e antes da criança frequentá-la.

Buscando compreender a relação entre aprendizado e desenvolvimento, Vygotsky (1934) identifica nessa relação a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Sua definição é a seguinte:

Ela é a distancia entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outras pessoas. (Vygotsky, 1934, p.112)

Levando em conta o conceito de ZDP, a intervenção pedagógica e a avaliação devem ocorrer entre o nível de desenvolvimento real e potencial de cada aluno, criando possibilidades de desenvolvimento e interação do aluno no seu processo de aprendizagem (Daniels, 2003).

Um relatório deve contemplar a avaliação mediadora, sob essa perspectiva de ensino-aprendizagem, uma vez que a mediação, segundo Daniels

(2003, p. 24), “se constitui de instrumentos semióticos e materiais como meios através dos quais o ser humano age sobre fatores culturais, sociais e históricos e também sofre com a ação deles”. A tarefa do avaliador é articular os conceitos construídos pela criança e formas mais elaboradas de compreensão da realidade. Nesse caso, a avaliação, no seu papel de mediação, cria uma Zona de Desenvolvimento Proximal (Vygotsky, 1934), uma vez que, ao contemplar a mediação, a avaliação pode se constituir pela linguagem argumentativa (Liberali, 2000).

Essa linguagem propicia ou organiza a compreensão dos processos de ensino-aprendizagem das crianças. Além de comunicar aos pais e/ou professores da série seguinte o desenvolvimento da criança na escola, relatando suas conquistas, dificuldades, e intervenções pedagógicas, fazendo desse material, um instrumento capaz de mediar o processo de ensino-aprendizagem, pois mostra o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil.

Em busca de uma definição sobre a argumentação, o autor Carraher (1983) a define como um conjunto de afirmação que inclui, pelo menos, uma conclusão. Quando uma pessoa apresenta e defende suas idéias diante de outras pessoas, ela realiza a argumentação.

Para Koch (1984), a interação social ocorre por meio da linguagem e se caracteriza pela argumentatividade. O ser humano, por intermédio do discurso, avalia, julga, critica e forma juízos de valor. O ato de convencer e persuadir é uma das características da argumentação.

Esse conceito foi recuperado em relação à formação de professores por Liberali (2000) que entende a argumentação como uma ferramenta capaz de levar o professor à reflexão, em busca de um pensar consciente sobre suas ações, e permitir que ele atribua sentidos e significados intencionais à prática educativa.

Sobre a questão da seqüência argumentativa na planificação de um texto escrito ou oral, Bronckart (1997) considera que o raciocínio argumentativo implica, em primeiro lugar, a existência de uma tese, a respeito de um determinado tema. Sobre o pano de fundo dessa tese anterior, novos dados são propostos, objeto de uma inferência (apoiado por algumas justificações, restrições), que orienta para uma conclusão ou nova tese.

A seqüência argumentativa se divide em premissas, apresentação de argumentos, contra-argumentos e conclusão. Esse tipo de seqüência se encaixa nos tipos de discurso a serem analisados no decorrer desse artigo.

## Metodologia

Essa pesquisa, de base crítica, procura ferramentas não só para entender ou descrever o mundo da prática, mas para transformá-lo (Kincheloe, 1993). Trata-se de uma pesquisa-ação, considerada por Thiollent (2004) como ação de transformação dentro de um contexto social, por essa transformação se produz conhecimento.

A coleta de dados foi feita na cidade de São Paulo em uma escola municipal de Educação Infantil que atende crianças de 4 a 6 anos de idade. Além da participação da professora-pesquisadora, esse estudo contou com a participação de 35 alunos de 4 anos de idade, muitos freqüentavam a escola pela primeira vez. Foram redigidos relatórios de avaliação para todos os alunos, mas, nesse artigo, será apresentado 4 exemplos (ou trechos) para efeito de divulgação parcial. Nos relatos apresentados, os nomes dos alunos são fictícios, de modo a garantir o anonimato dos participantes.

Para analisar os tipos de discursos mobilizados no relatório foram utilizadas as Seqüências e as formas de planificação de texto (Bronckart, 1997), especialmente a seqüência argumentativa. Segundo Bronckart (1997), a argumentação tem como objetivo convencer ou persuadir o interlocutor, o raciocínio do texto argumentativo apresenta-se como uma sucessão de quatro fases.

- a- a premissa propõe uma constatação de partida;
- b- a apresentação de argumentos sustentam uma conclusão provável;
- c- a apresentação de contra-argumentos opera uma restrição em relação à orientação argumentativa;
- d- conclusão (ou de nova tese) integra os efeitos dos argumentos e contra-argumentos.

A seguir apresentarei os resultados.

## Resultados

O relatório de avaliação apresenta critérios específicos observados nos alunos de 4 anos de idade (quadro 1). Eles foram definidos a partir das áreas do conhecimento propostas pelos R.C.Ns : Linguagem oral e escrita, Matemática, Natureza e Sociedade, Artes Visuais, Música, Movimento, além dessas áreas foram utilizados alguns itens que norteiam o professor em relação à avaliação dos alunos, perante seus registros e observações durante as aulas. Seguem 4 quadros que exemplificam as várias possibilidades de registros.

### Quadro 1: Exemplo de critério do relatório de avaliação

#### Linguagem Oral e Escrita

- Representação da fala oral em seus registros (como desenho, pintura, modelagem, etc)
- a) Utilização de elementos da linguagem escrita como letras e números em seus desenhos
- b) Percepção de que pode realizar registros (desenhos, pinturas, modelagens), para outras pessoas (pais, irmãos, colegas de classe, professor, etc). Ou seja, percepção do outro como interlocutor.

A seguir a professora utiliza a linguagem argumentativa a partir do critério já mencionado, para avaliar o aluno (quadro 2).

### Quadro 2: Avaliação realizada pela professora

No momento, o Marcos não utiliza letras em seus registros. (PREMISSA) Entretanto ele realiza seus desenhos nomeando-os, ou seja, ele aponta para os registros e diz que desenhou pipa, bola, pessoas, etc. (CONTRA-ARGUMENTO). Desta forma, estamos realizando atividades envolvendo a escrita e o reconhecimento do nome, através do uso de crachás e brincadeiras com o nome, para que o Marcos perceba as letras e sua função comunicativa. (ARGUMENTO)

Ele realiza seus registros para si mesmo, sem a intenção comunicar para outras pessoas (colegas, professora, pais), seus registros (PREMISSA). Sobre esse assunto, estamos realizando atividades que envolvem a explicação dos desenhos para a professora e outros colegas. (ARGUMENTO)



A linguagem argumentativa auxilia a professora nos exemplos do aluno em sala de aula, na sustentação de suas observações, permitindo o reconhecimento do processo de ensino-aprendizagem.

O relatório elaborado pela linguagem argumentativa torna visíveis as seguintes situações: mediação com os pares mais experientes (Vygotsky, 1934); o trabalho que vem sendo realizado em sala de aula; as atividades envolvendo a escrita do nome, as relações dialógicas e sociais do aluno com outros colegas. E também as observações e intervenções da professora a fim de que o

Marcos avance na aprendizagem.

Nesse caso, o relato que a professora faz pela via da argumentação afasta-se da noção unilateral de avaliação em que o professor utiliza esse instrumento para estabelecer uma relação de poder sobre aluno, reconhecendo a aprendizagem como algo estático, sem movimentos, mudanças e transformações. Pelo contrário, o uso da linguagem argumentativa traz transparência ao exercício de avaliar, e uma relação de equidade entre professor e aluno (Fidalgo, 2002).

Já os três bonecos localizados no final do quadro 2 indicam que o aluno Marcos necessita do auxílio do outro para atingir os critérios avaliativos, dentro dos pressupostos de Zona de Desenvolvimento Proximal (Vygotsky, 1934).

No quadro 3, o relatório aparece como instrumento de comunicação entre a escola, os familiares e o professor da série seguinte

### Quadro 3: Avaliação e orientação aos pais dos alunos

Matemática

- Utilização da contagem oral em diversas ocasiões, como contar brinquedos, materiais, etc.

a ) Resolução de situações-problema, envolvendo a divisão e contagem de objetos.

(...) Quando a Bruna é solicitada pela professora ou colegas para contar, por exemplo, os seus brinquedos, ela utiliza somente a contagem oral de 1 a 2. Entretanto quando ela está brincando com outros colegas, costuma notar a diferença de quantidade, se ela possui mais ou menos brinquedos que os outros (...) A partir dessa noção de quantidade, estamos trabalhando a contagem dos numerais. A família poderia contribuir com essa questão, utilizando a contagem em situações cotidianas com a Bruna, como a contagem dos dedos, a contagem dos degraus de uma escada, a contagem de seus sapatos etc.



A professora utiliza o relatório para orientar a família quanto à dificuldade da aluna com a contagem dos números. Sugere que atividades sejam feitas por meio de exemplos cotidianos que contribuam para a aluna avançar na sua aprendizagem.

A avaliação como instrumento de comunicação é estudada por alguns

autores como Cardinet (1992) e Quinquer (2003) que acreditam que essa comunicação favorece a construção de conhecimentos de quem é avaliado.

Para constituir uma seqüência argumentativa (quadro 5), não é necessário apresentar as quatro fases: premissas, apresentação de argumentos, contra-argumentos, conclusão, uma seguida pela outra ou conter todas elas. Há situações que aparecem apenas argumentos e contra-argumentos, ou argumentos e conclusão, argumentos e premissas etc.

#### Quadro 4: Seqüência Argumentativa

<p>Natureza e Sociedade</p> <p>- Organização e conservação de seus materiais e dos espaços coletivos. A Bruna organiza os locais das atividades, após o manuseio com tintas e outros materiais (PREMISSA). Ela guarda as tintas no armário, limpa os lugares que sujou, e também auxilia os colegas na limpeza e conservação da sala de aula. (ARGUMENTO)</p>	
---	---

Assim a linguagem argumentativa sobre determinados critérios de avaliação permite o reconhecimento do processo de ensino-aprendizagem, como também as relações de mediação, sendo essas relações um dos pressupostos do tipo de avaliação mediadora. O boneco no final do relato é uma representação simbólica de como a aluna atingiu determinado critério avaliativo, ele indica que a Bruna possui autonomia na “organização e conservação de seus materiais e dos espaços coletivos”. Quando a criança é capaz de realizar determinada tarefa sozinha, significa o amadurecimento das funções psicológicas para isso. (Vygotsky 1934). O desenho do boneco funciona também como operador argumentativo, pois reforça simbolicamente todos os argumentos utilizados pela professora para avaliar determinada situação.

#### Considerações finais

Na linguagem do relatório de avaliação utilizam-se recursos lingüísticos com a função de persuadir seus destinatários (pais dos alunos, professor da série seguinte) e convencê-los do processo de aprendizagem em andamento. Para argumentar é necessário que o professor apresente pontos de partida pertinentes à aprendizagem, exemplo cotidiano ocorridos em sala de aula com a intenção de convencer seus destinatários e validar a avaliação que se faz sobre o aluno.

Nos relatórios de avaliação, a argumentação abre possibilidade para o professor refletir sobre sua prática, reconhecer o processo de aprendizagem de seus alunos. Esse instrumento funciona como elemento a favor de quem aprende, de quem ensina e um elo comunicativo entre a escola e a família dos alunos. Nesse caso, a linguagem do relatório precisa estar acessível ao entendimento dos pais dos alunos, em um ambiente educacional propício para que eles possam não só compreendê-la, mas fazer suas considerações sobre ela e assim se tornarem co-enunciadores do processo avaliativo.

O educador brasileiro Paulo Freire (1987) explica que educação não é neutra, uma vez que tem um caráter político e ideológico que marca sua prática. Dessa forma, os instrumentos de avaliação são atividades intencionais e educativas que estão entrelaçadas às concepções de ensino-aprendizagem do educador, exigindo uma postura profissional crítica em avaliação, pois ao avaliar o aluno, o professor também avalia seu trabalho.

## Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. (Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira). 8.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BRAIT, B. Melo, R. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- \_\_\_\_\_. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRONCKART, J. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. (Trad. Anna Rachel Machado Péricles Cunha). São Paulo: Educ, 2003/1997.
- CARRAHER, D. *Senso crítico do dia-a-dia das ciências humanas*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- DANIEL, H. *Vygotsky e a Pedagogia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- DIEGO, J. A avaliação na Educação Infantil (3-6 anos). Quem necessita de que informação e para quê? In BALLESTER, M. *Avaliação como apoio à aprendizagem*. (Trad. Valério Campos). Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FIDALGO, S. S. *A avaliação no ensino-aprendizagem: ferramenta para a formação de agentes críticos*. Dissertação de Mestrado. LAEL. PUC-SP. 2002.

- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOFFMAN, J. *Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança*. 11ª ed. Porto Alegre: Mediação. 2004
- KINCHELOE, J. L. *A formação do professor como compromisso político: Mapeando o Pós - Moderno*. (Trad. Nilze Maria Campos Pellanda). Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- KOCH, I. G. V.. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.
- LIBERALI, F.C. Developing argumentative process for critical reflection. *Research Sig And Teacher Development Sig Special Joint Issue*, Leuven, v. Jun/00,62-66, 2000,
- OLIVEIRA, Z. de M. R. de. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2002.
- QUINQUER, D. Modelos e enfoques sobre avaliação: o modelo comunicativo. In BALLESTER, M. *Avaliação como apoio à aprendizagem*. (Trad. Valério Campos). Porto Alegre: Artmed, 2003.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-Ação* – 13º ed.- São Paulo: Cortez, 2004.
- VYGOTSKY, L. S.. *Pensamento e Linguagem*. (Trad. Jefferson Luis Camargo) – 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1987.
- VYGOTSKY, L. S. *Formação Social da Mente*. (Trad. José Cipolla Neto Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche) - 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Enviado em jun./2006  
Aprovado em out./2006

---

Cristina Aparecida Colasanto  
Mestranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem  
pela PUC - São Paulo e Professora Titular de Educação  
Infantil do Município de São Paulo  
Bela Vista do Paraíso, 52 - Ap. 67 - Vila Palmeiras  
CEP: 02726-040 - São Paulo/ SP  
E-mail: tina.colasanto@bol.com.br

---